



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9793 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

INTERSECCIONALIDADE ENTRE RAÇA E GÊNERO: A LITERATURA INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO MENINO E NEGRO

Tarcia Regina da Silva - UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

INTERSECCIONALIDADE ENTRE RAÇA E GÊNERO: A LITERATURA INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO MENINO E NEGRO

RESUMO

Neste artigo partimos do princípio que há especificidades de gênero dentro das discussões das relações étnico-raciais que devem ser consideradas. Dessa maneira, a partir dos conceitos de interseccionalidade e de masculinidade negra analisamos quatro livros de literatura infantil que se destinam a crianças pequenas e que tem meninos e negros como protagonistas, sendo eles: Chico Juba de Gustavo Gaivota (2011), João e o cabelo mais lindo do mundo de Nicácio Belfort (2020), O pequeno príncipe preto para pequenos de Rodrigo França (2020) e Minha dança tem história de Bell Hooks (2019). Nesse sentido, buscamos retratar nas narrativas os elementos que fortalecem e desconstruem os estereótipos associados à identidade de meninos e negros, desde a infância. Os dados evidenciaram que começam a surgir obras que se destinam a crianças pequenas que apontam novas formas de abordar as masculinidades negras, fortalecendo a cultura antipatriarcal e desconstruindo os estereótipos e modos subalternos de ser e existir dos meninos e negros.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Masculinidades negras. Educação Infantil.

Iniciamos o texto Parafraçando Chimamanda Adichie (2015) sejamos todos/as professores/as feministas e antirracista desde a Educação Infantil. Tal afirmativa representa a nosso compromisso com o empoderamento das meninas, mas também a nossa atenção com a construção das masculinidades desde que as crianças ingressam na escola. Neste artigo, nos concentramos na construção das masculinidades negras, ou seja, na construção da identidade dos meninos e negros. "Ser menino e negro é diferente de ser menina e negra" (SILVA, 2015, p. 160).

Tal premissa está ancorada na perspectiva de que há especificidades de gênero dentro da discussão das relações étnico-raciais que precisam ser consideradas. Para Hooks (2019a), na sua família "ser um garoto significava aprender a ser duro, a mascarar seus sentimentos, defender seu território e lutar; ser uma garota significava aprender a obedecer, ficar quieta, ser limpa, reconhecer que você não tem território para defender" (p. 171). Entretanto, pouco

tratamos da influência que as noções patriarcais exercem na construção da identidade dos meninos e negros, pois há um reforço cotidiano que prepara os meninos para matar, para serem violentos, para abraçar a guerra (HOOKS,2018). Para Adichie (2015, p. 29) “abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente”.

A partir desses pressupostos, apresentamos uma pesquisa documental a partir da análise de quatro livros de literatura infantil que trazem nas suas narrativas como protagonistas meninos e negros. Assim, analisamos os livros Chico Juba, que tem texto de Gustavo Gaivota (2011), João e o cabelo mais lindo do mundo de Nicácio Belfort (2020), O Pequeno Príncipe Preto para pequenos de Rodrigo França (2020) e Minha dança tem história de Bell Hooks (2019b). Esclarecemos que mesmo com um aumento no mercado editorial de obras em sintonia com a reeducação das relações étnico-raciais ainda encontramos narrativas que apresentam um reforço de uma masculinidade negra hegemônica e patriarcal e que atuam para fortalecer a identidade do menino negro como rebelde, violento, rude e pouco inteligente.

Para Adichie (2015) a educação que damos aos meninos é nociva. Assim, “ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são - porque eles têm que ser, como se diz na Nigéria, homens duros” (ADICHIE, 2015, p. 29). Nas narrativas Chico Juba (GAIVOTA, 2011) e João e o cabelo mais lindo do mundo (BELFORT, 2020) afloram a questão do cabelo, evidenciando a importância do mesmo na construção identitária dos meninos e negros. Segundo Silva (2015), merece relevância pensar sobre tal questão considerando que os meninos e negros, desde a sua infância, têm a sua beleza negada. Dessa maneira, enquanto comumente incentivamos as meninas e negras a utilizarem penteados, tranças e adereços nos cabelos, aos meninos e negros, na maioria das vezes, resta o cabelo raspado, com máquina, bem baixinho.

No desenrolar de ambas as narrativas há um reforço da masculinidade hegemônica e patriarcal. Na história de Chico Juba (GAIVOTA, 2011, p. 3), ele faz inúmeras tentativas para mudar o seu visual e todas dão errado, explicitando um reforço do menino negro como pouco inteligente, em sintonia com o que Conrado e Ribeiro (2017, p. 86) chamam atenção: “para ser visto como negro legítimo é necessário ser truculento e agressivo, dispensar o trabalho intelectual e minimizar a importância da educação escolar”. Ainda nos confrontamos com um episódio onde o protagonista utiliza um xampu destinado às mulheres e após o seu uso “sua voz ficou fina e suave, como a de uma mulher” (GAIVOTA, 2011, p. 19), visando à associação da ideia de tornar-se menos homem a partir da proximidade com o universo feminino. Os padrões utilizados para julgar os comportamentos dos meninos é muito duro.

Na história João e o cabelo mais lindo do mundo (BELFORT, 2020), João é uma criança negra que ao nascer é bem acolhido pela família, mas na escola se confronta com a gozação dos seus colegas com o seu cabelo. Para fugir desse incômodo ele começa a utilizar um boné. Até que um amigo, branco, louro e dos olhos verdes o convence a participar de um concurso denominado: o cabelo mais lindo do mundo. João participa do concurso e para a surpresa de todos e até dele, ele vence. Embora, com um desfecho positivo para João há questões controversas na narrativa que precisam ser analisadas.

Primeiramente, “crianças que são envergonhadas e ridicularizadas não caem de amor por elas espontaneamente e começam a saltitar alegremente” (HOOKS, 2020, p. 218). Segundo, é interessante observar a surpresa de João ao ser anunciado como vencedor, atentando como desde a infância as crianças e negras como salienta Fanon (2008) enfrentam problemas na aceitação do seu corpo. “O conhecimento do seu corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa” (FANON, 2008, p. 104).

Outra questão significativa nessa construção narrativa é que a partir da vitória de João no concurso todos querem se aproximar dele. Nesse sentido, ressalta-se que para ser aceito o

menino e negro precisa “ser o melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o ‘defeito’, para ser aceito. Ser o melhor é a consigna a ser introjetada, assimilada e reproduzida” (SOUZA, 1990, p. 40). Dessa maneira, vai se afirmando continuamente que viver como menino e negro e menina e negra é enfrentar um incessante desafio de ter que provar que é melhor, apesar de não ser branco.

Contudo, já encontramos obras que divergem desses tipos de identidades e possibilitam que meninos e negros se vejam para além dessa masculinidade sufocante e ameaçadora. Na contramão dessas narrativas que fortalecem uma masculinidade patriarcal, homens e mulheres negras vêm escrevendo outras histórias. Nesse perfil analisamos duas narrativas: *Minha dança tem História* de autoria de Bell Hooks (2019b) e *O Pequeno Príncipe Preto para pequenos* de Rodrigo França (2021). Na primeira narrativa, Hooks (2019b) nos apresenta Bibói. “Bibói do bem e bonito” (HOOKS, 2019, p. 4). Na segunda, nos aproximamos do *Pequeno Príncipe Preto* que é da cor da terra molhada. “Ele gosta muito da sua cor, do seu cabelo, do seu nariz. Do seu sorriso, de menino afetuoso, risonho e feliz” (FRANÇA, 2021, p. 9).

Nesse contexto inicial das histórias já nos deparamos com uma mudança de paradigma, ou seja, com narrativas que nos apresentam formas libertadoras de se ver representado como menino e negro. As histórias acima apresentadas nos trazem dois meninos e negros que não tem problema com a sua identidade racial. Ambos os autores, declaram com suas obras como é importante trazer para o universo da criança pequena, imagens de garotos e negros que evidenciam positivamente a sua identidade racial.

Para Kirchof, Bonin e Silveira (2015), há três tendências principais por meio das quais a questão racial é abordada nos livros de literatura infantil, sendo na primeira tendência, o argumento narrativo, a vivência de situações de conflitos que envolvem atos de preconceitos ou de discriminação racial. Numa segunda abordagem, a população negra entra em cena em episódios cotidianos sem que a questão racial seja a discussão proposta, o que não corresponde às narrativas apresentadas porque a questão da identidade racial está presente nas duas obras analisadas. E, a terceira tendência trata a discussão de forma celebratória com enfoque de ensinar o comportamento correto na relação com o outro.

Entretanto, o que nos chama a atenção em *Minha dança tem História* (HOOKS, 2019) e *O Pequeno Príncipe Preto para pequenos* (FRANÇA, 2021) é que elas se desviam dessas possibilidades, estabelecendo novas bases para a abordagem da questão racial dentro das apresentadas que trazem meninos e negros. Para Hooks (2020, p. 219) “como as representações de meninos negros, com frequência, limitam e confinam seu corpo e sua personalidade, foi radical escolher garotos negros para representar todos os garotos”. De fato, essas histórias assumem novos contornos, manifestam uma agência significativa que não corresponde às normas impostas pela cultura branca. São autores e autoras negras que estão conscientes e implicados com a decolonialidade do saber e do ser, que anunciam que precisamos nos opor veementemente a dominação masculina e trabalhar no sentido de erradicar o machismo.

Em *O Pequeno Príncipe Preto para pequenos*, resgatamos a sensibilidade, a ancestralidade, o afeto, o amor que insistimos em matar nos meninos e negros. “Morando com o Pequeno tem uma árvore Baobá. É com ela que o nosso menino aprendeu intensamente a amar” (FRANÇA, 2021, p. 10). O *Pequeno Príncipe Preto* viaja e vai conhecendo lugares, bichos, gente, plantando a sua semente de baobá. Quando ele chega numa escola do Planeta Terra e percebe as crianças xingando umas as outras, ele grita: Ubuntu!! O que significa “estar junto, colado. Ficar sozinho não está com nada, melhor é estar acompanhado (FRANÇA, 2021, p.27). A cada lugar visitado pelo *Pequeno Príncipe*

Preto ele vai com sua doçura rompendo com o pensamento normalizado sobre o que representa ser menino e negro. E, por fim, ele nos indaga: “Onde a sua semente vai brotar? Para a Baobá crescer bem bonita e você saber o que é amar” (FRANÇA, 2021, p.30).

Em *Minha dança tem história* (HOOKS, 2019b), nos deparamos com Bibói que tem orgulho da sua dança, da sua ginga. “Sou bibói sorrindo, chorando, contando a minha história! No batuque, na batida. Faço a minha rima e bamboleio. Ou quietinho no recreio” (HOOKS, 2019b, p. 15- 18). Segundo Hooks (2018) dentro de uma cultura patriarcal, não se permite que os homens sejam quem eles verdadeiramente são, pois o seu valor é sempre determinado pelos que eles fazem. Entretanto, numa cultura antipatriarcal, os “homens não tem que provar seu valor e importância. Eles sabem desde pequenos que simplesmente ser (existir) os dá valor e o direito de serem acalentados e amados” (HOOKS, 2018, p. 6). Em entrevista a uma rede de televisão brasileira a escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2021), quando questionada sobre quais mudanças faria se tivesse que escrever o livro *Para educar crianças feministas* dirigindo-o a educação de meninos, respondeu:

Acho que talvez a única coisa que eu mudaria seria dizer a mãe de um menino: Por favor, espere que ele seja vulnerável, espere que ele chore. Todas essas coisas que ensinamos meninos a não fazer, ensine-o a fazer. Quando um menino cai, nós dizemos: seja forte, não chore. Não. Diga para ele chorar. Ensine-o a falar sobre suas emoções. [...] Portanto, se fosse um menino, eu não mudaria muito, mas, talvez enfatizasse como é importante começar bem cedo a ensinar aos meninos sobre emoções humanas, falar com eles das emoções, da vulnerabilidade (Informação verbal)[1].

Para Hooks (2020, p. 218) “é um grande dom escrever livros que têm o objetivo de descolonizar. Tem sido especialmente difícil escrever livros infantis cujos personagens principais são homens antipatriarcais e não machistas”. Porém, quando autores e autoras escrevem com o intuito de transgredir as barreiras patriarcais “a vida de mulheres, homens e crianças são fundamentalmente mudadas para melhor” (HOOKS, 2018, p. 6).

E é exatamente isso que as narrativas *Minha dança tem História* (HOOKS, 2019) e *O Pequeno Príncipe Preto para pequenos* (FRANÇA, 2021) fazem, elas permitem que possamos dizer aos meninos, amem, chorem, demonstrem cuidado, carinho, afeto. E isso muda radicalmente a forma como educamos meninos e negros e meninas e negras. Essas obras, que se destinam a crianças pequenas, evidenciam novas formas de abordar as masculinidades negras, desconstruindo os estereótipos e modos subalternos de ser e existir dos meninos e negros.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Roda Viva**: Chimamanda Ngozi Adichie. Depoimento [jun.2021]. Entrevistadoras: V. Magalhães, D. Ribeiro. M. Franco; C. Akotirene, A. Silva e C. Pires. São Paulo: Tv Cultura, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pxe92zWOotE>. Acesso em: 20/06/2021.

_____. **Sejamos todas feministas**. Tradução Christian Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

- BELFORT, N. **João e o cabelo mais lindo do mundo**. São Paulo: Editora Clube da Cultura, 2020.
- CONRADO, M.; RIBEIRO, A. A. M. Homem negro, negro homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 73-97, abr. 2017.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FRANÇA, R. **O Pequeno Príncipe Preto para pequenos**. Rio de Janeiro: Nova fronteira 2020.
- GAIVOTA, G. **Chico Juba**. Belo Horizonte: Mazza, 2011.
- HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- _____. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019a.
- _____. **Minha dança tem história**. Tradução Nina Rizzi. São Paulo: Boitatá, 2019b.
- _____. **A vontade de mudar: homens, masculinidade e amor**. Tradução Ayodele e Ezequias Jagge. Rio de Janeiro: Coletivo Nuvem Negra, 2018.
- KIRCHOF, E. R.; BONIN, I. T.; SILVEIRA, R. M. H. A diferença étnico-racial em livros brasileiros para crianças: análise de três tendências contemporâneas. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 389-412, 2015.
- SILVA, T. R. da. **Criança e negra: o direito à afirmação da identidade negra na Educação Infantil**. 2015. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2015.
- SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

[\[1\]](#) Entrevista Concedida por ADICHIE, Chimamanda Ngozi ao Programa Roda Viva em 14/06/2021.